

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS UNIVERSAIS MUSICAIS: UMA AMOSTRAGEM DE PRÁTICA INTERPRETATIVA

*Emanuela Francisca Ferreira Silva*¹

*Hugo Mari*²

Resumo: Esse trabalho é parte de um projeto de pesquisa desenvolvido em doutoramento em Língua Portuguesa e Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, que visa compreender e discutir a utilização dos universais musicais – ritmo e melodia – como ferramentas no ato interpretativo de um texto, potencializando a compreensão do mesmo. A interpretação textual é uma prática de linguagem. O trabalho de compreender um texto ultrapassa o domínio do sujeito comunicante e do sujeito interpretante. Patrick Chauredeau (2008) afirma que a encenação discursiva é condição primordial para comunicação. Segundo Chauredeau (2008) o ato de linguagem é composto de vários sujeitos – Euc - EUe/ Tui -TUD – e que comunicar é proceder a uma encenação. Para este trabalho pretende-se limitar a pesquisa a dois desses sujeitos comunicantes, respectivamente: TUI-TUD, encenados pelo sujeito interpretante no ato comunicativo. Pretende-se apresentar uma parte dessa pesquisa que tem por eixo as abordagens experientalista e corporificada, afirmando que a construção de sentido depende da interação de três dimensões: cérebro, corpo em ação e interação organismo-ambiente. Tem-se a hipótese de que ao utilizar dos universais musicais no ato da interpretação TUI-TUD constroem-se esquemas imagéticos, por meio dos quais TUI-TUD experiencia o mundo. Para tanto, baseia-se na Teoria da Integração Experiential (AUCHLIN, 2003) em que se integram dois espaços de entrada: o experiential sensório-motor e a elaboração linguística e o Modelo Semiótico de Brandt (2005), em que o espaço-base é discursivo, pois é construído a partir do “ato de dizer e aquilo que é dito”. Tentar-se-á integrar ambos os modelos para apresentar um modelo próprio de análise e confirmar a hipótese que rege esse trabalho.

Palavras-chave: Universais Musicais. Interpretação Textual. Mente Incorporada.

Abstract: *THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AND UNIVERSAL MUSIC: A PRACTICAL SAMPLING INTERPRETATIVE. This work is part of a research project developed of the post -graduate in Letters from PUC Minas , which seeks to understand and discuss the use of universal music - rhythm and melody - as tools in the interpretive act of text, enhancing the understanding of it . The textual interpretation is a practical language. The work to understand a text goes beyond the domain of the subject and communicating the subject interpreter. Charaudeau (2014) claims that the discursive staging is a precondition for communication. According Chauredeau (2008), the speech act consists of various subjects - Euc - EUe / Tui -TUD - and to communicate is to make an act. For this work is intended to limit the search to two of these interconnected subjects, respectively: Tui - TUD, staged by the subject interpreter in the communicative act. It is intended to present a part of this research which is the axis experientialist and embodied approach, stating that the construction of meaning depends on the three dimensions of interaction: brain, body in action and organism-environment interaction. Our hypothesis is that when using the universal musical at time of Tui- TUD interpretation build up imagery schemes, by which TUI - TUD EXPERIENCE the world. Therefore, it is based on the Theory of Experiential Integration (AUCHLIN, 2003) that integrate two input spaces: the sensorimotor experiential and linguistic preparation and the Semiotic Model of Brandt (2005), in which space - based is discursive , it is built from the " act of saying and what is said ." Try It will integrate both models to present its own model of analysis and confirm the hypothesis that governs this work.*

Keywords: *Universal Music. Textual interpretation. Embodied Mind.*

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Linguística - da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Sul de Minas. Email: emanuela.silva@ifsuldeminas.edu.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: hugomari29@gmail.com

Considera-se que o corpo é um princípio constitutivo ou transcendental, precisamente porque ele está envolvido nas muitas possibilidades de experiência. Tudo está imbricado na produção de sentido. Com isso afirma-se que o sentido é produzido com o corpo, isto é, a mente é corporificada. Com isso afirma-se que ao ativar os universais musicais – ritmo e melodia – que são inatos ao sujeito linguístico, o processo de leitura e interpretação textual é otimizado, isto é, este trabalho apresenta a proposta de que pessoas que utilizam os universais em música – ritmo e altura (SLOBODA, 2008) - possuem uma otimização na compreensão textual maior do que pessoas que não utilizam dos universais no momento de interpretação.

Neste trabalho apresentar-se-á um recorte da pesquisa de campo em que se teve 25 conversas informais com sujeitos informantes de um grupo de controle composto por estudantes de 15 a 17 anos. Esse grupo foi dividido em dois, sendo que o subgrupo A interpretou um texto com leitura silenciosa, enquanto o subgrupo B utilizou dos universais, fazendo leitura em voz alta, ritmando e colocando altura no texto. Após o término dessa primeira etapa (30min) foi feita uma permuta: o subgrupo A interpretou um outro texto com leitura em voz alta, usando como instrumento os universais musicais, e o subgrupo B fez leitura silenciosa. O corpus para este artigo foi a situação de interlocução entre os sujeitos informantes e a pesquisadora – entrevista semiestruturada -, que foi realizada após o trabalho de interpretação textual feito por eles.

Para avaliar a hipótese de que sujeitos linguísticos que utilizam os universais em música – ritmo e altura (SLOBODA, 2008) – são capazes de compreender textos verbais com muito mais propriedade e profundidade do que sujeitos linguísticos que não utilizam dos universais no momento de interpretação, criou-se um modelo semiótico a partir do estudo da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 2002; e outros) e da Teoria Experiencial (AUCHLIN, 2013). Acredita-se que o processo semiótico cognitivo pesquisado está dentro do fenômeno da linguagem que é para nós um Sistema Adaptativo Complexo – SAC.

A hipótese é que o processo de leitura e interpretação textual acontece pela operação de duplo-escopo e que a produção de sentido pode ser otimizada se os sujeitos linguísticos utilizarem dos universais musicais no ato da leitura. Nessa perspectiva, considera-se que é pelo ato enunciativo que a língua é colocada em funcionamento,

movimento, isto é, através da língua os sujeitos linguísticos se encontram, seja por um laço de sentimento, social ou de outro tipo. Neste sentido, a língua é percebida em uma visão sociointeracionista, como um conjunto de práticas enunciativas. O sujeito que melhor explica nosso sujeito informante é o TUi-TUd de Chauradeau (2014), posto que ele é duplo e percebe, em várias pontos de nossa pesquisa de campo o EUc - EUe, que o locutor – ou eu-poético – invoca para o ato comunicativo.

Considera-se que significado (S) é a “a relação entre um organismo (O) e seu ambiente físico e cultural (A) determinado pelo valor (V) de O para A” (ZLATEV, 2003, p. 3). Zlatev (2003) desenvolve sua teoria pautado na premissa que todo organismo vivo é capaz de produzir significação, considerando que o organismo se relaciona com o seu ambiente valorando aspectos físicos e culturais desse ambiente e realizando *affordances*³ constantes nesta relação.

É a essa relação de valoração, altamente adaptativa, que Zlatev (2003) chama de significação. O significado se dá em um evento adaptativo e complexo, no qual os seguintes elementos são indispensáveis: indivíduos vivos, interação, atividade cognitiva, sistema de signos, cultura. Sendo assim, afirma-se que o significado é constituído por operações cognitivas impregnadas por valores físicos e culturais que emergem da relação do organismo com o ambiente.

O processo Metodológico

Em março de 2013 foi aplicado um questionário para amostragem dentro do projeto citado anteriormente: “Da sensação/percepção auditiva à cognição: um estudo dos processos de cognição auditiva a partir da interface entre a expressão linguística e a expressão musical”. A princípio, a proposta era que ele fosse respondido por 10 intérpretes musicais e 10 não intérpretes musicais. Um grupo fez leitura silenciosa e o

³ As *affordances* do ambiente são o que este oferece ao animal, o que ele (o ambiente) provê ou fornece, seja isto para o bem ou para o mal.”³ Para Gibson (*apud* SCARANTINO, 2002) o termo *affordance* subentende a complementariedade de animal e ambiente. Foi ele quem criou o substantivo *affordance* a partir do verbo *afford* – dispor, conceder, proporcionar. *Affordances* são propriedades do nicho ecológico que proporcionam tipos específicos de ação tornados possíveis pelo sistema motor e morfológico do animal. Tais ações são ao mesmo tempo típicas da espécie (não necessariamente de uma) e adaptativas. Sendo as *affordances* percebidas, o mundo fenomenal do animal é significativo: ela potencializa a ativação de circuitos de percepção-ação: os objetos se apresentam em suas funções. (SINHA, 2009, p.294, citando Gibson, 1979).

outro fez leitura oral. Ao final da aplicação do teste, dois sujeitos informantes – que não são musicistas - me procuraram dizendo que tinham feito o questionário com leitura silenciosa, mas que desejavam repeti-lo, agora com leitura oral. Esse pedido me direcionou para o 2º problema (inquietações) apontado neste trabalho: “nem todos os seres humanos são músicos, mas todos podem apreciar música”.

Os dois sujeitos não eram músicos, mas estavam convencidos que ao utilizar dos universais musicais conseguiriam responder melhor o questionário. Fornecemos outro questionário para esses sujeitos que fizeram o questionário novamente. Depois de feito o questionário eles se propuseram a participar de uma entrevista semiestruturada. Conforme quadro 1 (amostra H) pode-se observar amostragens dessa entrevista:

Quadro 1- Amostragem H – Pesquisa de Campo

(A) Pesquisadora: você fez a leitura e a interpretação textual do material apresentado em dois momentos. No primeiro momento fez leitura silenciosa e no segundo momento fez uma leitura com ritmo e altura. (B) Suj. Inf: G: Isso, eu fiz a silenciosa e depois a rítmica. (C) Pesq: Você sentiu alguma diferença? (D) Suj. Inf: G: Bom, a diferença que eu encontrei, que eu senti é que na leitura silenciosa ... É na hora de responder que faltava elementos, eu tive que voltar nos textos diversas vezes e a minha argumentação ficou pobre. Já na leitura com ritmo, leitura oral... É A voz fixa mais o conteúdo na minha cabeça, gosto bastante disso, e a minha argumentação ficou maior, ficou melhor, foi o que eu senti. (E) Pesq: E você notou alguma diferença entre as duas formas de ler o texto para interpretá-lo? (F) Suj. Inf. P : eu achei que ... Eu acho que a leitura em voz alta é bem melhor, porque a pessoa coloca sua entonação, então aquilo... Aquele ritmo já faz com que a gente compreenda, então ... É até eu acho, até tava falando com as meninas ali, quando a gente faz um concurso já é complicado, porque você tem que ler baixo, não pode ler alto, então já fica mais difícil, a pessoa ter que estar bem concentrada. Agora quando tem a entonação fica mais fácil de entender sim.
Quadro 1 (Amostra A): Conversa espontânea entre pesquisadora e sujeitos informantes G. e P. Descrição da situação interacional: conversa informal entre a pesquisadora e um sujeito informante após o mesmo ter realizado duas interpretações intertextuais: uma oral e uma silenciosa. Disponível em: diário de campo (com registro em áudio e vídeo) Vídeo I, n. 20141203_075144

Esse fato ocorrido foi o ponto basilar para que se encontrasse a metodologia “certa” para se pesquisar a hipótese que rege este trabalho. Era preciso trabalhar com entrevista semiestruturada buscando, junto aos sujeitos informantes, respostas para as perguntas-problema que foram propostas. Mais que isso, chegou-se à conclusão que cada sujeito informante teria que fazer a interpretação textual de duas maneiras: com leitura silenciosa e com leitura rítmica e melódica. Somente assim poder-se-ia mensurar

se havia diferenças entre ambas as formas de interpretação e se, realmente, a leitura oral com ritmo e melodia otimizava a interpretação textual.

No início de 2014 foi feita nova pesquisa de campo. Nessa etapa coletaram-se dados de pessoas que não tinham formação musical com vistas a corroborar com a inquietação: “nem todos os seres humanos são músicos, mas todos podem apreciar música”. Foram selecionados 24 sujeitos informantes – de 15 a 17 anos – que fizeram a interpretação textual e, posteriormente, a entrevista semiestruturada. Essa pesquisa de campo foi dividida da seguinte forma, conforme quadro 2:

Quadro 2 – organização dos sujeitos informantes na pesquisa de campo

HORÁRIO	LEITURA SILENCIOSA	LEITURA COM UNIVERSAIS MUSICAIS
7 h.	12 sujeitos informantes.	12 sujeitos informantes.
7h45min	12 sujeitos informantes (o que fizeram leitura com universais às 7h).	12 sujeitos informantes (o que fizeram leitura silenciosa às 7h).

Optou-se por essa faixa etária, pois os estudantes encontram-se cursando o Ensino Médio. Há um trabalho contínuo de produção e interpretação textual nesse nível de ensino. Assim, considera-se que os informantes estão familiarizados com a atividade proposta e puderam participar da entrevista semiestruturada com propriedade, pois conheciam o assunto que estava sendo questionado. Importante ressaltar que foram selecionados sujeitos informantes que não eram músicos, pois o objetivo de nossa pesquisa é saber se o uso dos universais musicais otimizam a interpretação de textos, independente do TUi ser músico ou não, afinal todos são capazes de apreciar música: músicos e não músicos.

Às 9h iniciou-se a entrevista semiestruturada com todos os sujeitos informantes. Para uma melhor organização, optou-se por fazer a entrevista de dois a dois, para que os sujeitos informantes pudessem estar mais à vontade para responder aos questionamentos.

Conforme o quadro 2, pode-se perceber que invertemos a ordem de interpretação sendo que metade dos informantes fez a leitura silenciosa no primeiro momento e metade fez a leitura com ritmo e melodia. No segundo momento foi feita a inversão dos

sujeitos informantes. Essa organização foi pensada para se evitar que os sujeitos informantes dessem preferência para um tipo de interpretação porque ela foi realizada primeiro ou vice-versa.

Método para análise de dados

O fenômeno de linguagem observado nesta pesquisa é o processo interpretativo. Tal operação diz respeito à capacidade que o ser humano tem de dirigir sua atenção para um texto verbal ou não verbal e fazer previsões, enfim, lidar com a lógica de um problema “abstrato”. O intuito é de trazer para esse processo a perspectiva dos universais musicais como ferramenta para o processo interpretativo. Frente a isso, foi elaborado um quadro teórico em que propomos uma concepção de linguagem como SAC. Os elementos essenciais para o funcionamento deste sistema são sujeitos vivos que interagem entre si. É na realização da linguagem, num contexto mais geral, que podemos observar suas características de sistema adaptativo complexo.

Desse quadro teórico derivou-se a hipótese específica de que a utilização de universais musicais no ato interpretativo otimiza a compreensão de sentidos. Ousou-se hibridizar leitura oral e universais musicais na tentativa de encontrar no espaço *blending* a emoção e a razão inter-relacionadas e a otimização na produção de sentido. Esses dois universais são para nós pontos de apoio e ferramentas para a interpretação textual. Acredita-se que, ao ler um texto em voz alta, o sujeito linguístico utiliza da coordenação temporal – ritmo e de altura – escala – como ponto de referência, expandido seu campo de busca de sentido, pois ele trabalhará com três categorias tradicionais na aquisição do conhecimento: a sensação, a percepção e a atenção. Utilizar os universais é forma de corporificar o texto em que a audição se hibridiza à visão com o objetivo de compreender o que está sendo lido.

Salienta-se que o método de análise de dados utilizado nesta pesquisa tem base fenomenológica, posto que parte da pesquisa com mentes corporificadas fazem sentido em um ambiente biossociocultural. Acrescentamos que nosso método de análise se

fundamenta no método hipotético-dedutivo proposto por Popper (1982). Este consiste na adoção de um quadro teórico para responder uma pergunta relativa a um fenômeno, e, para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses.

Assume-se que a racionalidade que é possível pela experiência sensório-motora se une a emoção de maneira mais eficaz quando a percepção sensório-motora é duplicada no ato de ler: percepção aural se agrega à percepção visual. Interpretar é um processo linguístico-cognitivo da Integração Conceptual, pautado na inter-ração entre os sujeitos, mesmo que seja em potencial.

Análise de dados

Após apresentar o quadro metodológico utilizado, apresenta-se uma amostra da análise realizada para corroborar com a hipótese de que os universais musicais são ferramentas eficazes para a interpretação textual.

Para essa pesquisa acredita-se que a concepção do sujeito por Charaudeau (2014) é a que melhor encaixa no material coletado e nos resultados obtidos. Essa concepção contempla ao mesmo tempo a questão do ato de ler como encenação e do leitor como um duplo: TUi/TUd devido ao trabalho com a multimodalidade perceptiva: aural e visual ocasionada na leitura que utiliza como instrumento os universais musicais. Sabemos que o trabalho de Charaudeau (2014) refere-se preferencialmente a enunciados orais, eis, pois, um dos motivos que nos levou a utilizar sua teoria. Ler em voz alta/oralmente é de certa forma um enunciado oral, em que a instância enunciativa ocorre através do diálogo de um *eu* com um *tu*, apesar de que um dos componentes dessa enunciação está em potencial.

Interpretar um texto é um processo fenomenológico em que o sujeito interpretante cria hipótese quanto ao sujeito enunciador e a seu ponto de vista em relação ao enunciado e à relação ao seu sujeito destinatário. Charaudeau (2014, p. 37) afirma que “a competência languageira de um sujeito é feita de uma multiplicidade de *madelaines* de Proust que se originam tanto de uma experiência coletiva (percepções sensoriais partilhadas), quanto individual”. Essa relação memória e criação de hipóteses

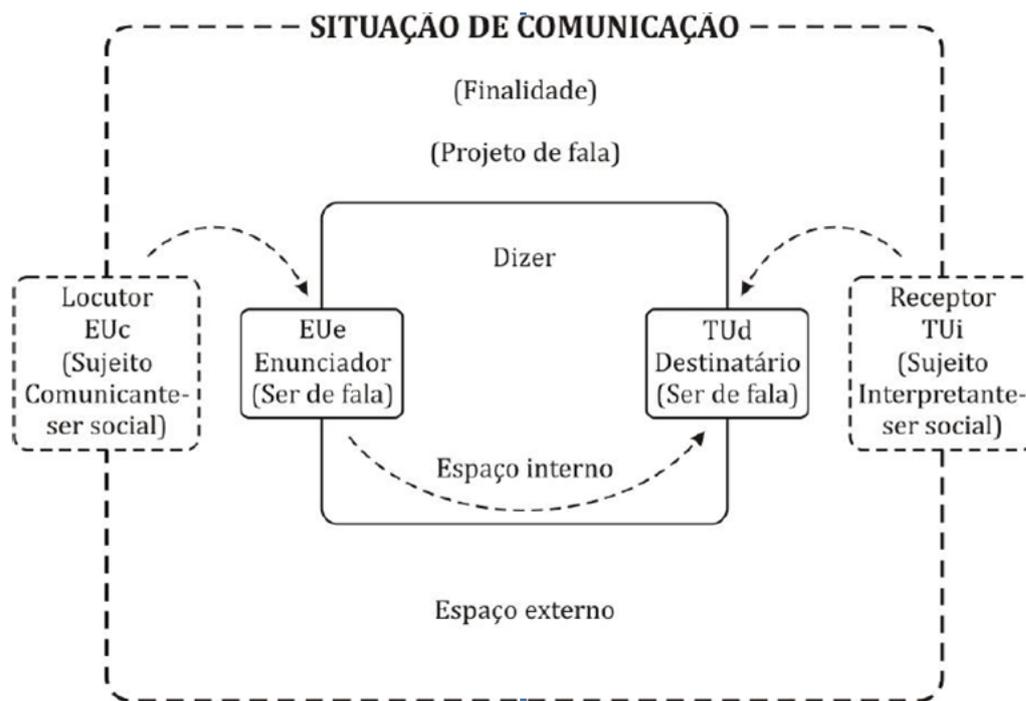
será discutida na seção 2.6 em que trataremos da questão dos Espaços Semióticos e o processo de significação.

Charaudeau (2014) nos diz que é pelo ato da linguagem de um sujeito particular, através da expectativa discursiva que representa, constrói o saber perceptivo-sensorial do referente linguageiro. O ato de linguagem é formado pela fala dos atos significadores ao mundo. Para o ato de linguagem as condições e a instância da transmissão são consideradas. Ele possui duas dimensões indissociáveis entre si (explícito e implícito). O explícito é a atividade estrutural da linguagem, isto é, a simbolização referencial. O implícito refere-se à significação. Como exemplo para essas duas dimensões, Charaudeau (2014, p. 25) cita sobre um falante que enuncia “feche a porta”. Esse enunciado é compreensível, posto que sabemos que é diferente de “abra a porta” e “feche a janela”. Ele concentra, em si, certo sentido mesmo se estiver fora do contexto. É a isso que Charaudeau denomina de dimensão explícita. O mesmo exemplo é utilizado para explicar a dimensão implícita em que o sujeito falante, ao mesmo tempo que enuncia “feche a porta”, pode estar querendo dizer: “que está com frio”, “que quer lhe confidenciar um segredo”. Assim é preciso um trabalho de remissão constante a algo que está além do enunciado explícito, que se encontra antes ou depois do ato de fala.

Essas constantes de sentido se constroem em razão do emprego de palavras em contextos semelhantes e em contextos diferentes. Empregos múltiplos, que vêm depositar sedimentos de sentido, cujo conhecimento é formador de um certo saber metacultural sobre os signos, saber este que os integra em uma taxionomia geral (CHAURAUDEAU, 2014, p. 35).

Vê-se, com essa citação de Charaudeau (2014), que a produção de sentido envolve memória, cultura, enfim, ela pode ser conceituada como o valor que o sujeito dá a seu ambiente. Isso conflui com a definição de significado de Zlatev (2003). Nossos questionamentos se dirigem, nesse momento, para como esse processo acontece no sujeito interpretante, de que mecanismos ele utiliza para criar hipóteses para sua interpretação. Vamos avançar em nosso estudo analisando como é formado esse sujeito segundo os conceitos de Charaudeau (2014), para depois continuarmos nossa investigação focando neste questionamento.

Figura 1- Esquema do Ato de linguagem e seus sujeitos



Fonte: CHARAUDEAU (2014, P. 52)

Analisando a figura 1 tem-se a presença do EU que é percebido pelo TUI – chamado de EUE que se opõem ao EU produtor de fala que é o EUC. Para Charaudeau (2014), o EUC é um ser de fala sempre presente no ato de linguagem enquanto que o EUE é o traço de intenção no ato de produção, uma imagem do enunciador construída pelo sujeito produtor da fala – Euc.

Observa-se outro trecho retirado da pesquisa de campo:

Quadro 3 - Amostra B: Pesquisa de Campo

(147) Pesq.: Entendi. E você (dirigindo-se ao suj. inf.) leu primeiro em voz baixa e depois em voz alta?
(148) Suj. Inf. 8: Eu li em voz alta.
(149) Pesq.: E qual que você achou melhor?
(150) Suj. Inf. 8: em voz alta, porque assim como ela disse ... quando você... lê em voz alta.... você consegue imaginar a cena e parece... que ou você está na história ou o narrador que tá contando como era ele que tava falando... parecia que ele4 que tava contando a história pra gente... e... é bem melhor.
(151) Pesq.: Cê ta querendo dizer que é como se o narrador fosse a sua voz?
(152) Suj. Inf. 8: Sim como se ele5 tivesse ali presente falando.
(153) Pesq.: Muito obrigada.

Quadro 3(Amostra B): conversa informal entre pesquisadora e sujeito informante 8.

⁴ Grifo dos autores.

⁵ Grifo dos autores.

Descrição da situação interacional: conversa informal entre a pesquisadora e um sujeito informante após o mesmo ter realizado duas interpretações intertextuais: uma oral e uma silenciosa.
Disponível em: diário de campo (com registro em áudio e vídeo) vídeo 7 n. 20141203_092017

Segundo Charaudeau (2014, p. 48), “visto pelo processo de interpretação, o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo TUi como uma hipótese [...]”. No quadro1 (amostra A) temos o sujeito informante 8 (doravante suj. Inf. 8) utilizando como argumento para defender que a leitura em voz alta é melhor para interpretar e entender um texto o seguinte trecho: *em voz alta, porque assim como ela disse ... quando você... lê em voz alta.... você consegue imaginar a cena e parece... que ou você está na história ou o narrador que tá contando como era ele que tava falando... parecia que ele que tava contando a história pra gente... e... é bem melhor.*

O pronome *ele* – grifado por nós – marca a voz do suj. inf. 8 como sendo o Eue para o TUi. Este afirma que conseguiu evidenciar, sentir a voz do narrador – “como era ele que tava falando” [...]. Charaudeau (2014, p. 48) afirma que o o EUE é um ser que existe no e pelo ato de produção-interpretação. Apesar do suj. inf. 8 não ter conhecimento dessa teorização de Charaudeau, ele mostra em sua fala que consegue perceber a encenação do discurso em que há um EUC – comunicante e um EUE que conversa com ele. A leitura em voz alta possibilitou ao suj. inf. 8 escutar o texto e vê-lo. Isso pode ter ocasionado a percepção múltipla de ver dois textos – pelo campo visual que seria o EUC e pelo aural em que o EUE falou.

Charaudeau (2014, p. 49) afirma que há uma relação de transparência entre EUE e EUC: “EUE é somente uma representação linguageira parcial de EUC. [...] EUE é apenas uma máscara de discurso usada pelo EUC.” O suj. inf. 8 parece perceber isso em “parecia que ele que tava contando a história pra gente...e...é bem melhor.” No final de sua fala o suj. inf. 8 em resposta a uma pergunta da pesquisadora confirma a presença do EUE: “Sim como se ele6 tivesse ali presente falando.” O suj. inf. 8 percebe de alguma forma pela sua voz a máscara EUE utilizada pelo EUC. Ele vê o outro na encenação do discurso pelo fato de usar em sua leitura a multimodalidade aural e visual. Segundo Mari (1999, p. 202), “o único limite para a interpretação é o não-reconhecimento de uma naturalidade das formas significantes (escrita ou falada)”. O

⁶ Grifo dos autores.

sub. inf. 8 não diz que não conseguiu interpretar o texto com leitura silenciosa e sim que a leitura oral trouxe uma otimização de sua compreensão porque a multimodalidade aural – visual trouxe para a cena enunciativa a presença dupla do EUE-EUC.

Sobre isso Charaudeau (2014, p. 49) comenta que “no processo de interpretação a imaginação tem um lugar de destaque”. Acreditamos que a Teoria dos Esquemas Imagéticos dialoga com essa afirmação de Charaudeau em relação ao TUi. Segundo Lakof e Johnson (2007, p. 136), “esquemas imagéticos são precisamente essas estruturas da nossa experiência sensorio-motora básica pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos interagir⁷.” Como exporemos mais adiante, acreditamos que utilizar os universais musicais no ato da leitura, isto é, utilizar a multimodalidade aural e visual com propósito de trazer para a leitura ritmo e melodia, aumentando a perspectiva dos esquemas imagéticos, traz para a condição corporal a percepção dupla do texto.

O EUE (sujeito enunciativo) é um sujeito de fala (como o TUD) realizado e instituído na fala. O EUE é responsável por um certo efeito de discurso produzido sobre o Interpretante. Porém, como esse efeito de discurso depende igualmente do que é o TUi, é o TUi que, em compensação, constrói (para si) uma certa imagem do EUE. Assim, o EUE é sempre uma imagem de fala que oculta em maior ou menor grau o EUC (CHARAUDEAU, 2014, p. 51).

O sub. inf. 8 ao interpretar em voz alta percebeu a presença do EUC pela imagem de fala do EUE. Por isso ele considerou que a interpretação com a leitura em voz alta foi muito melhor para sua compreensão textual. O jogo, a encenação que o texto propôs, parece ter sido criada duas vezes pelo TUi. Charaudeau afirma que comunicar é proceder a uma encenação. O centro do ato de comunicação é ocupado pelo sujeito falante. Para nosso trabalho, porém, interessa-nos o sujeito que interpreta (o interlocutor). A situação de comunicação é o enquadre ao mesmo tempo físico e mental em que se encontram os parceiros de troca linguageira. Interessa-nos de sobremaneira o enquadre mental do TUi, desse interlocutor que se faz múltiplo ao utilizar de universais musicais em seu ato interpretativo.

⁷ Image schemas are precisely these basic structures of our basic sensorimotor experience by which we encounter a world that we can understand and act within.

Para tanto, delimita-se nossa situação comunicativa naquilo que Charaudeau denomina de situação monologal. Nessa situação os parceiros não estão presentes fisicamente, não permitindo, assim, a troca. O canal de transmissão é o gráfico, pois se trata de um texto escrito para fins de interpretação textual. Em seu quadro Situação de Comunicação, Charaudeau (2014, p. 73) apresenta a situação monologal em que afirma que pode haver um canal oral ou canal gráfico com utilização ou não da entonação. Nessa pesquisa de campo evidenciou-se essa situação monologal com canal gráfico e com utilização ora da entonação, ora sem a mesma. A proposta era tentar verificar se haveria diferenças quanto à compreensão textual nessa situação específica “monologal”.

Considerações finais

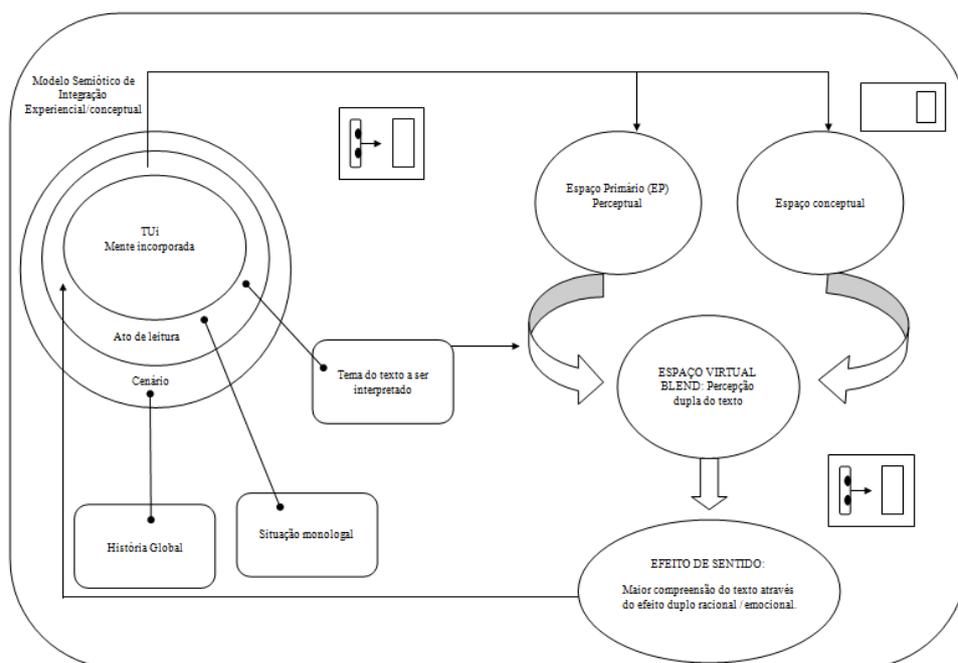
Este artigo é um recorte da pesquisa de doutoramento para a elaboração da tese “Um olhar cognitivo para a interpretação textual: a operação de duplo-escopo universais musicais/leitura oral gerando o espaço *blending* maior compreensão racional/emocional do texto”.

Na amostragem da análise realizada na pesquisa pode-se perceber que os participantes não estão presentes fisicamente; somente o TUi está nesta situação enquanto que o EUc, o EUE e o TUD estão em potencial. O canal de transmissão é o gráfico, pois se trata de um texto escrito para fins de interpretação textual. Para se compreender e/ou fazer sentido o TUi realiza atividade de criar espaços semióticos dentro do cenário apresentado. Temos assim dois espaços de entrada: o espaço primário e o espaço conceptual. No espaço primário apresenta-se a percepção aural e a visual. Compreende-se que ambas as percepções no sentido de uma enação: uma elaboração interna ao organismo, resultante da interação do organismo biológico com o mundo.

O espaço conceptual refere-se ao texto, isto é, ao o canal gráfico. Esses dois espaços são calibrados pelo frame de relevância situacional – o ato de leitura do texto João e Maria (Chico Buarque) que orienta o sentido emergente no espaço virtual. Tenho neste frame o TUi e o suporte em que a atividade será realizada. No espaço virtual 1 – conforme figura 2 - temos uma otimização da interpretação textual devido à percepção dupla do texto – aural e visual, ocasionando uma maior compreensão do texto através do efeito duplo racional/emocional. Essa dupla percepção que aparece na mescla, ocorre

devido ao ato de leitura oral, que traz para a leitura ritmo e melodia aumentando a perspectiva dos esquemas imagéticos e trazendo para condição mente incorporada a percepção dupla do texto. Conforme figura 1, verifica-se o modelo Semiótico de Integração/Experiencial elaborado a partir dos dados desta pesquisa tendo como parâmetro o Modelo da Arquitetura Mental e Integração Conceptual proposto pelo grupo de Semiótica Cognitiva da Universidade de Aarhus (especialmente BRANDT, 2004, 2005, 2010,) e pelo Modelo Experiencial de Auchlin (2013).

Figura 2- Esquema Modelo Semiótico de Integração Experiencial /conceptual



A pretensão deste artigo é assumir que a racionalidade é possível pela experiência sensório-motora que se une à emoção de maneira mais eficaz quando a percepção sensório-motora é duplicada no ato de ler: percepção aural se agrega à percepção visual.

O gráfico apresentado na figura 2 é uma tentativa de corroborar com a afirmação de Auchlin (2014) de que a cognição decorre do ato de *cognoscer*, realizado por um ou mais sujeitos e é construído pela comunicação entre esses sujeitos e o contexto situacional. Afirmamos conjuntamente com Brandt (2005; 2010) que o sentido não emerge na mescla mas, no processo interpretativo.

As integrações de sentido ocasionadas na leitura oral não se restringem à formação de metáforas, e sim a uma otimização na compreensão do sentido do texto, sendo que os *inputs* ritmo e melodia são relevantes no ato de leitura para a interpretação textual, pois otimizam a compreensão textual.

Referências

- AUHLIN, A. Compétence discursive et co-occurrence d'affects""blendes experientiels ou (co)fusion d'émotions'. In: Colletta J, M. & A, Tcherkassof (éds) (2001). *LPS*. Université Pierre Mendès France, Grenoble II & LIDILEM, Université Stendall, Grenoble III, 2003.
- AUHLIN, A. Prosodic Iconicity and experiential Blending. In: HANCIL, S. (Ed.) *Actes du colloque international Prosodie et Iconicité*, Rouen, Avril, 2009. Berne: Éditions Nota Bene, no prelo.
- AUHLIN, A. Du phonostile à l'ethos, les prosodies comme interfaces entre sens et corps. In: *Acts du III Symposium sur L'analyse du Discours*. Belo Horizonte, Brésil, 2008.
- BRANDT, P. A. The Mental Architecture of Meaning. A View From Cognitive Semiotics. *Revista de Tecnologias Cognitivas*. nº 4, jul-dez/2010.
- BRANDT, P. A. Mental spaces and cognitive semantics: a critical comment. *Journal of Pragmatics*, vol. 37, 2005.
- BRANDT, P. A. *Spaces, Domains and Meaning* - Essays in Cognitive Semiotics. European Semiotics Series. Vol. 4. Peter Lang, 2004.
- BRANDT, L., BRANDT, P. A. Making sense of Blend. In MENDOZA IBÁÑEZ, R. (Ed) *Annual Review of Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- BRANDT, P. A. *The Mental Architecture of Meaning*. A View From Cognitive Semiotics. *Revista de Tecnologias Cognitivas*. nº 4, jul-dez/2010.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think – conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, London: the University of Chicago Press, 2007.
- POPPER, K. *Conocimiento Objectivo*. Madrid: Editorial Tecnos, 1982.
- MARI, H. Sobre algumas condições da leitura: da naturalidade do significante ao conhecimento de intenções. In: EVANGELISTA, A; BRANDÃO, H; MACHADO, M. Z. *A Escolarização da Leitura Literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SINHA, C. Biology, culture and the emergence and elaboration of symbolization. In A. Saleemi, A. Gjedde and O.-S. Bohn (Eds.) *In Search of a Language for the Mind-Brain: Can the Multiple Perspectives be Unified?* Aarhus, Aarhus University Press: 2009.

SLOBODA, J. *A Mente Musical: A Psicologia Cognitiva da Música*. Trad. Ilari, B & Ilari, R. Londrina: EDUEL, 2008.

ZLATEV, J. *Meaning = life (+ culture): an outline of a unified biocultural theory of meaning*. *Evolution of Communication*, 4/2, 2003: 253-296. Disponível em: <<http://www.mentaldev.org/JournalPapersPDF/Meaning=Life-offprint.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2012.